

**IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL
DE LITERATURA E INFORMÁTICA**

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

**UM RELATO SOBRE A ABORDAGEM DA LITERATURA
NO ENSINO SUPERIOR PELO *MOODLE*: a busca por uma
rede interativa de leitores na rede**

Karina de Almeida Rigo¹ (UPF)

Este relato objetiva o compartilhamento de uma experiência que parte de uma observação referente ao Estágio de Docência em uma disciplina de Leitura e Produção de Textos configurada sob forma semipresencial. Sabe-se que a questão da formação de leitores vai além da educação básica e, geralmente, no ensino superior, os estudantes colhem os frutos de uma má formação leitora, especialmente, quando se trata de leitura literária. Esse é um dos motivos pelos quais a disciplina de Leitura e Produção de Textos faz parte da matriz curricular dos estudantes de todos os cursos de graduação da Universidade de Passo Fundo.

A modalidade semipresencial dessa disciplina, possível pela plataforma Moodle, oportuniza, em razão da configuração do meio digital, uma nova negociação de sentidos: entre o aluno e o conteúdo (convergência de linguagens) e; entre o aluno e os atores de sala de aula, especialmente em relação novas formas de interação – distintos da sala de aula tradicional. Neste relato, pretendeu-se observar os aspectos de negociação de sentidos mencionados em um dos três blocos da disciplina: o bloco literário. Posterior ao relato descritivo, faremos a reflexão, de acordo com alguns aspectos teóricos, sobre a importância do trabalho com o texto literário: o texto por excelência.

¹ Bolsista Capes no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo sob orientação da Professora Doutora Marlete Sandra Diedrich. Faz parte da linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso.
E-mail: karinarigo@gmail.com

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

1. BREVE RELATO

Este relato caracteriza-se por um compartilhamento de algumas impressões referentes a uma experiência que parte de uma observação referente ao Estágio de Docência II em uma disciplina de Leitura e Produção de Textos configurada sob forma semipresencial. A modalidade semipresencial dessa disciplina, possível pela plataforma *Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment)*, oportuniza, em razão da configuração de um ambiente de aprendizagem no meio digital, uma nova negociação de sentidos entre professor e alunos e entre o conteúdo e os alunos. Importante destacar que a turma de cinquenta acadêmicos caracteriza-se por uma considerável heterogeneidade de cursos e de níveis: da Engenharia à Psicologia, do primeiro semestre ao último. O conteúdo da disciplina foi organizado em três grandes áreas de leitura, na respectiva ordem: i) o texto literário; ii) o texto jornalístico e argumentativo e; iii) o texto acadêmico.

Esta reflexão será voltada exclusivamente ao bloco literário. O bloco o qual abordou o texto literário constituiu-se dos seguintes pontos: a) O que o texto literário tem de específico?; b) Produção audiovisual da obra *Morte e Vida Severina*; c) Sugestão de leitura da obra *Vidas Secas*; d) Apresentação e solicitação de participação no *Skoob*; e) Relação entre literatura e música com um videoclipe da Banda Engenheiros do Hawaii; f) Sugestão de leitura de alguns contos de Eduardo Galeano. Além da apresentação dos pontos elencados, havia a parcela referente à solicitação de atividades:

a) primeira atividade: Fórum sobre a literatura e os dramas sociais (nessa oportunidade, os acadêmicos deveriam versar acerca das questões: “*Que dramas sociais foram focalizados nessas obras? Você conhece outras obras literárias, inclusive em produções fílmicas, que também abordam esse tipo de problema social? Poderia nos dar sugestões de leitura? Destaque momentos ou segmentos das obras lidas que chamaram sua atenção pelos arranjos linguísticos e comente o sentido mobilizado nesta situação.*”;

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

b) segunda atividade: *Wiki Vidas Secas* (nessa oportunidade, os acadêmicos deveriam formular descrições referentes à obra: personagens, descrições da obra, perfis psicológicos, etc.);

c) terceira atividade: participação na rede de leitores *Skoob* (nessa atividade, os discentes deveriam criar uma conta no *Skoob* e participar da rede fazendo uma resenha de uma obra lida, comentando resenhas lidas, enfim, inserindo-se na grande rede de interessados pela leitura;

d) quarta atividade: comentários no fórum acerca da associação das obras literárias abordadas (*Vidas Secas* e *Morte e Vida Severina* em vídeo) à música *Pampa Pobre* da banda *Engenheiros do Hawaii*;

e) quinta atividade: produção coletiva de um glossário (nessa oportunidade, o estudante deveria escolher um conceito, um termo, um personagem, uma obra, um autor, enfim, algum elemento visto na leitura e nos comentários do bloco que, em sua opinião, mereceria ser lembrado para fins de estudo); e

f) última atividade do bloco: produção de um parágrafo acerca da leitura dos contos de Eduardo Galeano.

A primeira grande distinção da disciplina em um ambiente de aprendizagem em vez da aula tradicional pode ser análoga à liberdade de um livro de ficção comparado ao engessado livro didático. Em Zilberman, encontramos uma pista:

O livro didático é o avesso da leitura literária. Constitui-se, de certa maneira, no arquétipo do livro em sala de aula, acaba por exercer um efeito que embacia a imagem que a prática da leitura almeja alcançar. Esta se caracteriza por uma experiência do presente, com a qual se compromete o leitor, já que este contribui com seu mundo íntimo no processo de decifração da obra. O livro didático exclui a interpretação e, com isso, exila o leitor. Propondo-se como autossuficiente, simboliza uma autoridade em tudo contrária à natureza da obra de ficção que, mesmo na sua autonomia, não sobrevive sem o diálogo que mantém com o seu destinatário. (...) Conseqüentemente, a proposta de que a leitura seja enfatizada na sala de aula significa o resgate de sua função primordial, buscando sobretudo a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção. (ZILBERMAN, 2009, p. 35)

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

Em razão do ambiente de aprendizagem que comporta arquivos de várias linguagens (vídeos, arquivos de textos abertos e fechados, músicas, imagens), o acadêmico pode ter contato com obras integrais e, além disso, a qualidade da sua relação com essas obras também é potencializada. O professor e os colegas podem inserir em seus comentários entrevistas com escritores, documentários a respeito das obras, obras relacionadas, críticas pertinentes, enfim, uma série de elementos que enriquecem a relação do sujeito leitor com a sua leitura. Tudo isso, com a liberdade de poder realizar suas leituras fora do espaço físico da universidade: o acadêmico acessa ao conteúdo da sua casa, do seu trabalho, etc. Tal fator, apesar de parecer irrelevante, coloca-se a favor do trabalho do professor formador de leitores.

Não podemos ser demagogos em relação à qualidade da competência leitora dos acadêmicos. No geral, os estudantes caminharam na superfície do texto, tecendo comentários voltados à temática central das obras eleitas pelo professor, com algumas exceções. No que dizia respeito ao reconhecimento dos arranjos linguísticos das composições específicas do gênero, eles não desenvolveram plenamente. Podemos dizer, portanto, já que galgaram seu espaço nos bancos da academia, que os discentes, com o perdão da generalização, são o retrato de um ensino básico que negligencia o poder da leitura.

Constatamos que, neste caso, a configuração da sala de aula no meio digital contribuiu com a interatividade entre discentes e docente. Essa possibilidade de interatividade mostra-se necessária na formação do leitor, uma vez que contribui com o papel de acompanhamento do docente na relação do leitor em formação com o texto lido, especialmente por conta dos fóruns. Mas não podemos ser ingênuos, a concepção da disciplina já partiu de um pressuposto de que os alunos, em geral, não leem. A disciplina pode ter cumprido o seu papel de gota no oceano: alguns estudantes se interessaram muito pela possibilidade de interação relacionada à leitura literária, outros tiveram um primeiro contato com os porquês da especificidade dos textos literários. A

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

realidade do ensino superior brasileiro está distante do ideal, mas ela não é o cerne da deficiência de leitura.

Não parece difícil inferir sobre a razão de alunos chegarem ao ensino superior com as competências leitoras elementares de ensino básico. Podemos perceber a fragilidade da questão quando nos voltamos à qualidade da produção de trabalhos de pesquisa no ensino superior. O movimento da parafraseação, do plágio, da “colcha de retalhos” de parágrafos, da reprodução mecânica, da desconexão de ideias, da carência de conhecimento (leia-se algo além de um compilado informacional amorfo). Eis, em nível de ilustração, a importância da competência na leitura documental para o ensino superior em alguns pontos: localização fontes de informação; habilidade em selecionar pertinências; habilidade em extrair informações e reformulá-las para apropriação; articulação de dados com a pesquisa e o próprio saber do aluno; enfim, competências complexas de análise nos suportes antigos e, hoje, nos digitais. Mas, afinal, o que a leitura literária tem a ver com tudo isso?

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O TEXTO LITERÁRIO

O papel do professor responsável, segundo Max Butlen², é adaptar, gradativamente, o gosto de leitura de seus alunos (aumentando a variedade de leituras) ao mesmo tempo em que amplia o conhecimento das estratégias de leitura. Mortimer Adler (2010), em seu guia hermenêutico de leitura, há décadas já nos apresentava a complexidade de ser um leitor competente, um leitor capaz de acessar o último nível de leitura (o sintópico, onde se estabelecem as relações entre os livros) e, especialmente, um leitor que reconhece que a boa leitura parte do reconhecimento da natureza do livro.

² As reflexões acerca das questões de leitura atribuídas pelo pesquisador e professor francês Max Butlen, as quais não aparecem devidamente referenciadas, foram fruto da preleção do pesquisador na oportunidade do Seminário Especial do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, ocorrido nos dias 27 e 28 de junho de 2016.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

O que queremos demonstrar com essa referência: felizmente, é possível ensinar e aprender as estratégias.

O trabalho de Butlen edifica-se pelo desafio de propor uma pedagogia da compreensão e da interpretação. A abordagem das estratégias de leitura deve ser intrínseca ao ofício do formador de inteligências. Entre tais estratégias estão: formulação de hipóteses, antecipações, conexões, visualização, inferências, perguntas ao texto, relação com a experiência pessoal, sumarização, síntese. Além do conhecimento das estratégias, o professor precisa estar atento aos obstáculos à compreensão, às dificuldades dos alunos (a exemplo da localização espacial, temporal, de personagens).

Além disso, o pesquisador frisa que o formador precisa entender a distinção entre compreender e interpretar. Compreender significa captar o que dizem os textos explícita e implicitamente. Interpretar, por seu turno, refere-se a questionar o escrito ou a imagem além do que eles anunciam à primeira vista. A interpretação está ligada à adoção de uma postura hermenêutica que conduz à busca de um ou de sentidos escondidos ligados ao que o texto e ou a imagem nos dizem sobre a vida, sobre nós mesmos. A interpretação, portanto, é especulativa: ela desencadeia uma busca de hipóteses, busca a eleição de um ou de diferentes sentidos possíveis. Por sua interpretação, o leitor se engaja e se revela. É o que demonstra Butlen em relação à interpretação como aliada na construção de pontes:

O andamento interpretativo leva a explorar e a explicitar os potenciais de significação das obras. Esses são, muitas vezes, múltiplos. Em *Where the wild things are?*, os monstros companheiros provisórios de Max representam uma caricatura dos mais agitados de seus camaradas? Concretizam simplesmente a cólera e os maus pensamentos passageiros e vingativos de uma criança resmungona, suas impulsões efêmeras, em suma? Revelam suas obsessões e pesadelos recorrentes? Quais? Mais além, nessa colocação de imagens, alguns adultos quererão perceber uma confirmação e uma ilustração de teses psicanalíticas sobre a “perversidade polimorfa” da infância. Entre todas as interpretações

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

consideradas, acontece frequentemente de não ser possível escolher. Essa “indecisão” reforça o prazer de ler. Assim, podemos ver na interpretação uma espécie de “metaleitura controlada pelos conhecimentos”. (BUTLEN, 2011, p. 67).

Obviamente, Butlen não defende que se aceite exclusivamente as leituras dos alunos, o que ele reforça é que o professor saiba conduzir o processo interpretativo de seu aluno complementando-o. Nesse sentido, o texto literário torna-se privilegiado. Nele, podemos encontrar a riqueza e a proliferação do texto no espaço e no tempo, a multiplicidade dos sentidos, a experiência estética. A leitura imaginativa promove o alargamento do campo da oferta da leitura e representa um terreno fértil para se levar em conta o sujeito leitor, para explicar o texto pelo leitor, sem que se percam os direitos do texto e do autor. Além dessas vantagens, lembremos: em suas pesquisas, Butlen depreendeu que os leitores de literatura estão à frente dos demais.

Max Butlen não está sozinho em prol da leitura literária. Zilberman (2009, p. 29) também avalia que leitura e escola deveriam voltar-se à literatura para retomar seu rumo e reavaliar seus respectivos propósitos:

A obra de ficção, fundada na noção de representação da realidade, exerce tal papel sintético de forma mais acabada, fazendo com que leitura e literatura constituam uma unidade que mimetiza os contatos materiais do ser humano com seu contorno físico, social e histórico, propondo-se mesmo a substituí-los. (...) Em virtude disto, se o ato de ler se configura como uma relação privilegiada com o real, já que engloba tanto um convívio com a linguagem, quanto o exercício hermenêutico de interpretação dos significados ocultos que o texto enigmático suscita, a obra de ficção avulta como o modelo por excelência da leitura. Sendo uma imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira completa e fechada; ao contrário, sua estrutura, marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e das figuras propostas, reclama a intervenção de um leitor, o qual preenche essas lacunas, dando vida ao mundo formulado pelo escritor. Desse modo, à tarefa de deciframento, implanta-se outra: a de preenchimento, executada particularmente por cada leitor, imiscuindo suas vivências e imaginação. (ZILBERMAN, 2009, p. 32).

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Adler (2010, p. 215) complementa o pensamento de Zilberman quando elucida que “os livros imaginativos só ensinam de modo derivado, criando experiências com as quais podemos aprender. Para aprender com esses livros, temos de pensar nós mesmos sobre a experiência”. A literatura, portanto, fala aos homens sobre os homens. A literatura, e especialmente os clássicos (por isso tão necessários como objetivo-fim na formação de leitores), oportuniza ao leitor não só a leitura da expressão irretocável da língua, mas, principalmente, a possibilidade de reflexão sobre si mesmo. Por conta de sua universalidade, cânones abrangem conflitos humanos e relatam o que há de mais belo, profundo ou obscuro nas relações entre indivíduos e entre indivíduos e o mundo. Em outras palavras, a literatura, além de desenvolver a nossa capacidade de entender, fornece subsídios para que conheçamos melhor e mais profundamente o gênero humano e, conseqüentemente, nós mesmos.

Ora, se ler é construir a liberdade da alma, como afirma Fiorin (2009, p. 57) e se, em uma relação de complementariedade, a leitura de ficção marca a experiência mais ampla da leitura (ZILBERMAN, 2009, p. 36), a escola e a sociedade têm o dever de instituir a promoção da leitura como prioridade. Enquanto sabemos que essa prioridade não está próxima de se tornar concreta, temos de estar cientes de que, como argumentou Butlen, todos nós temos lacunas como leitores. Grande parte dos discentes no ensino superior não corresponde ao nível de leitura exigido pela academia, o que fazer? Sugestão do pesquisador: aulas de leitura apropriadas aos acadêmicos.

O que corresponde a apropriado ou não está no campo da experimentação. Por isso, este relato apresentou-se como uma breve descrição de uma experiência de observação de uma disciplina semipresencial. Não coube aqui o julgamento do que se deve ou não seguir, mas sim uma apresentação de uma alternativa de abordagem do texto literário que, de certa maneira, foge da aula tradicional e se insere no meio digital com o intuito de ampliar as possibilidades de leitura e a liberdade leitora dos discentes no ensino superior.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois da apresentação de algumas das questões levantadas pela presença de Max Butlen, podemos relacionar suas ideias à importância e ao poder de bons leitores no ensino básico e, conseqüentemente, no universo acadêmico. Transformar o mundo com responsabilidade e competência depende, inegavelmente, de leitores competentes. O desafio está posto: precisamos enfrentar a crise da leitura em todos os níveis de escolaridade.

Neste trabalho, delineamos algumas pistas, somente. Para a solução, vale o entendimento de antropofagia de Butlen: aprender considerando as experiências dos outros com vistas a absorvê-las, transformá-las e configurá-las de acordo com nossas realidades locais. Se até este momento nos provisionamos das ideias do formador de leitores e de formadores, este não é o momento mais adequado para desconsiderá-lo: que a antropofagia nos una. O universo virtual, inegavelmente, representa o nosso prato cheio.

Referências

ADLER, Mortimer J.; DOREN, Charles Van. *Como ler livros: o guia clássico para a leitura inteligente*. Tradução de Edward Horst e Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2010.

BUENO, Belmira O.; REZENDE, Neide L. *Formador de leitores, formador de professores: a trajetória de Max Butlen*. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 02, p. p. 543-564, abr./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n2/1517-9702-ep-41-2-0543.pdf>> Acesso em: 29 jun. 2016.

BUTLEN, Max. *Ler, compreender e interpretar textos literários na escola*. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tânia M. Kuchenbecker (Orgs.). *Questões de Leitura*. Passo Fundo: UPF Editora, 2011, p. 60-70.

**IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL
DE LITERATURA E INFORMÁTICA**

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.**

FIORIN, José Luiz. *Leitura e dialogismo*. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. Kuchenbecker (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Editora Global, 2009, p. 41-59.

ZILBERMAN, Regina. *A escola e a leitura da literatura*. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. Kuchenbecker (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Editora Global, 2009, p. 17-39.